

# A' MARGEM

De Evaristo de  
(Especial para DO

28/4/78.

"Falar de Papini é como se eu falasse de um irmão de todas as heras, de todos os lugares. De um irmão que não existe. Mas que nós podemos imaginá-lo. Daquele que ele pede em Um homem acabado: "Oh! Se eu pudesse verdadeiramente me achar perto desses, nem que fossem três, ou sete, ou dez, que têm com toda a alma, e não somente com os olhos, que vivem com o escritor, e o amam como um irmão embora eles não o tenham visto, que sonham com ele, que falam com ele entre si nos seus passeios melancólicos de domingo..."

Goethe e Nietzsche não são tão humanos como Papini. Este está mais próximo de nós, lutando, berrando, gesticulando. Não é deus olímpico, não se tem por genio. Quer ser genio, mas sabe que não o é. Luta, desespera, odeia. Agride e fere. Quer ser perfeito, quer ser grande. "Ou um camponês ou Dante" — é a sua frase preferida. Mas ele sabe e tem a coragem de confessar que é um imbecil e um ignorante. Ele não respeita ninguém. Talvez dissesse como Anatole France: cada vez, tenho menos admiração e mais piedade. Ninguém é digno de ser admirado. Por que? Se alguém chegou a ser grande é porque pode. E o genio e o herói não interessam. Interessa somente o santo. Nasce-se genio e a circunstância faz o herói. O santo é seu próprio criador. O genio e o herói são po-

sitivos, afirmam, acreditam. O santo é negativo, restringe-se, devida. Todos os grandes místicos foram suplicados pela dúvida. O genio e o herói permitem. O santo proíbe e limita.

Papini quiz ser genio e herói, de início. No fim, porém, ele quiz ser santo. Puro, grande, bom, generoso e nobre. E para isso — que falem Bloy e Giolitti — todas as palavras por mais ofensivas que sejam, são necessárias. Quebra-se, mutila-se, destrói-se, por uma bem maior, por uma elevação de vida. Papini sente uma revolta inconsciente contra a mentira, a infâmia, a hipocrisia. Viver entre os homens é mentir. Mente-se sobre todas as coisas. Mente-se por mentir, mente-se por hábito, mente-se por polidez. Mente-se até sobre a própria mentira.

E o Papini da revolta e do ódio, do vituperio e do escárnio, da ironia e dos ragões, também é o lírico de cento páginas de poesia e de Glorini de festa. E que lírico! Ai, ele se afasta dos homens. Vai para a sua

Toscana. Para os rochedos altos e pontegudos, por entre os carvalhos solitários e magestosos, aspirando todo o ar que corre solto por sobre as heras e as flores silvestres da sua montanha. Então toda a sua bondade explode.

Arrebatada aquela armadura espessa de pessimismo e de dor, vagueia com toda a seu desespero, e tem até nós grandiloquente e pura como as suas florestas da Toscana. O seu lirismo é exuberante, tumultuante, intransigente de si e abrange tudo que o cerca. Até sobre a enchada ele faz lirismo: "Vai non sapete quanto sia bella la zadda".

Os grandes revoltados são sempre líricos desiludidos. São românticos que não querem ceder nem um pedacinho das suas ilusões. E por isso por mais que eles digam desafetos não ofendem nunca. São como crianças malcriadas. No fundo, são sempre grandes inocentes. Grandes ingenuos. Preferem a fantasia à realidade. A cidade do sonho à cidade da vida... O mundo alegre, here, colorido da Melpé ao mundo

Ha uns cidadãos que não se contentam e vão escrevendo á margem de todos os livros que lhes vêm sob os olhos. Tudo que lhes vem á cabeça é imediatamente passado para aquele pedaço de papel em branco que contorna as paginas dos livros. E de um desses incógnitos que eu vou transcrever algumas notas á margem de Papini. Não pensem que eu andei devassando bibliotecas ou tratando algum amigo. Não, pelo contrario. Os volumes de que falo chegaram-me ás mãos licita e legalmente. Vio-os misturados com muitos outros volumes numa banca de livros á rua São José. Era meu antigo desejo possuti-los, mas o livreiro só me deixou levá-los mediante uma compensação em mil réis. Como se vê, é bem preciosa a origem dos livros em questão. Tivesse eu mais imaginação, e crearia toda uma novela em torno dessas brochuras. Por sinal que estão em pessimo estado de leitura, porque sujas e rabiscadas.

Dentro de um dos volumes, encontrava-se uma folha comum de caderno, escrita nas duas faces. Por certo, o seu autor já estava cansado de escrever á margem de Papini e voltou-se para si mesmo? Escreveu á margem de si proprio. Cansou-se de Papini. Abandonou-o. Ficou só o livro. Afóra algumas palavras mais ofensivas, o que se segue é o que estava escrito na aludida folha:

# DE PAPINI...

e Moraes Fho  
(DM CASMIRO)

triste, acorrentado, sujo da vida comum, do regime quotidiano. E quando eles vêm obrigados a viver, vivem a seu modo. São poetas, destruidores, fantásticos. Mas não surpreendem pelo extraordinário, pela invenção, pelo requintado. Não! Ela, por exemplo, como Papini consegue os fantásticos "Ver o mundo como de modo não comum: eis aqui o verdadeiro sonho de fantasia. Pensa naquilo que ninguém pensa; fica estupefacto ante aquilo de que ninguém cuida; buzar o que parece natural a todos; gozar com o que todos tratam como coisa natural e corrente".

História de Cristo — Papini, hoje, é entalado e tem 57 anos de idade. Talvez já tenha feito os pazes com D'Annunzio e comece a gostar de Benedetto Croce. Sua biblioteca deve ter muitos livros, e, talvez, ele já tenha se esquecido do tempo em que era o selvagem. Do tempo em que ele andava legoso a pé para ouvir uma conferência ou visitar uma exposição de arte. Já não precisará mais guardas ridiculas frangos de tesouro, comprar papel e tinta,

Agora, ele até já perdeu a conta de quantas folhas de papel gastou nas suas descomposturas, nos seus delírios, nas suas ameaças. No seu *Sturm und Drang*...

Tragico quotidiano — Desde os seus primeiros livros, Papini deixou transparecer o que sempre seria no mundo: um desajustado entre os bem educados desta vida, um eterno descontente deste planeta sub-lunar e dos seus habitantes. E desde cedo ele não se deixou iludir pelo conto do vigário que lhe passaram. Nem todos têm coragem de confessar esse vigarismo de que foram vítimas. Têm vergonha, têm medo. Preferem calar, resignar-se, conformar-se. Papini protesta: não! E disse num berro bem alto, que se fez ouvir por toda a terra: os pais são uns refinados vigaristas! O conto do vigário é o mal de ter nascido. E depois disso, qual o único remédio? Morrer.

Já Síriene, o demônio da tragédia grega, dizia a mesma coisa: "Baga efemera e miserável, filha do acaso e do sofrimento, porque me forças a revelar o que seria melhor para ti

não conhecer nunca? O que dever preferir a tudo é para ti impossível: é não ter nascido, não ser, ser nada. Mas, depois disso, o que tu podes desejar de melhor, — é morrer o mais depressa possível".

Palavras e sangue — Papini escreve entre a tristeza e a revolta. Uma tristeza constante, permanente, eterna; que não o abandona, que o acompanha sempre, como o hanzo dos negros africanos, ou a saudade dos exilados. Papini é como um irmão mais velho, que sofreu mais e sabe mais do que nós. Se ele não tivesse ingressado no catolicismo, hoje seria um crítico anatoliano ou voltaireano. Mas ele ainda é triste, ainda quer a paz com todos os homens. Ama-os e quer vê-los grandes, generosos, puros. Uma seu destino ao dos outros... São todos, e ele também, uns pobres oitavados, um micromegas que sofre, trabalha, estuda e luta. Papini visita as suas casas, os seus teatros, os seus salões. Como são? Como vivem? A toda parte Papini é visto acompanhando-os. Ele quer conhecê-los e auxiliá-los.

Mas quanto mais Papini se aproxima deles, mais eles o injuriam. Ninguém o compreende, ninguém sabe o seu nome. Papini volta para casa, para a sua colina, para a sua Toscana. E jura se vingar.

Um homem acabado — Neste livro Papini está à vontade. Sente-se um revoltado. Sem rebuços, numa meias-palavras. Na vida só é possível duas

atitude: aceitá-la ou rejeitá-la. Afirmá-la ou negá-la. Não ha lugar vago para literaturas, ou para desencantos. Não é possível o ceticismo; ou se acredita ou não se acredita. Como é possível a quem sobre duvidar da realidade, da canalhice, da estupidez de um mundo que o faz sofrer? Não, ele não pode duvidar, pelo menos, desta realidade que o faz sofrer. Ele deve odiar, já que não o deixam amar. Sofreria muito mais se ficasse indiferente. E só então ele compreende que nunca poderá ser bom, puro, feliz. Ele prefere o sonho à realidade, e resolveu não ceder nada do seu mundo imaginário às contingências que o cercam. Ameaça os imbecis e os canalhas que o impedem de chegar ao fim. E então num grande amor, num amor enpaix de redimir todo o género humano, ele pega de um chicote e sai em busca dos máis, dos satisfeitos, dos agradecidos. Ele quer ver todos despiertos, de pé, cantorcidos de dor e de desespero. Quer vê-los clamando, gritando, sofrendo. Quer vê-los redimidos e felizes.

A revolta de Papini é contra os que o impedem de viver a seu modo. Dos que o perturbam na sua fantasia. E ele tem razão. Gaimos no conto do vigário, não temos coragem de sair dele, mas pelo menos, mostramos a todos que não fomos enganados e que procuraremos nos vingar... enganando outros, talvez...